

O
VER
MELHO
E O
NEGRO

Stendhal

O
VER
MELHO
E O
NEGRO

Tradução

Cristina Fernandes

Frank de Oliveira



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Le rouge et le noir

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Stendhal

Diagramação
Linea Editora

Editora
Michele de Souza Barbosa

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Cristina Fernandes
Frank de Oliveira

Imagens
Apostrophe/Shutterstock.com;
Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;
Apostrophe/Shutterstock.com;
Yurchenko Yulia/Shutterstock.com;
Pavlo S/Shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S825v	Stendhal
O vermelho e o negro / Stendhal; traduzido por Cristina Fernandes; Frank de Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2021. 576 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)	
Título original: Le Rouge et le Noir ISBN: 978-65-5552-637-0	
1. Literatura francesa. 2. Sociedade. 3. Romance histórico. 4. Relação social. 5. Lembrança. I. Oliveira, Frank de. II. Fernandes, Cristina . III. Título.	
2021-0139	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

LIVRO UM.....	9
Capítulo 1 – Uma pequena cidade.....	11
Capítulo 2 – Um prefeito.....	16
Capítulo 3 – O bem dos pobres.....	20
Capítulo 4 – Um pai e um filho.....	26
Capítulo 5 – Uma negociação.....	31
Capítulo 6 – O tédio.....	39
Capítulo 7 – As afinidades eletivas	48
Capítulo 8 – Pequenos acontecimentos.....	59
Capítulo 9 – Uma noite no campo.....	67
Capítulo 10 – Um grande coração e uma pequena fortuna.....	76
Capítulo 11 – Uma noite.....	80
Capítulo 12 – Uma viagem.....	85
Capítulo 13 – As meias rendadas	92
Capítulo 14 – A tesoura inglesa.....	98
Capítulo 15 – O canto do galo.....	102
Capítulo 16 – O dia seguinte	106
Capítulo 17 – O primeiro-adjunto	111
Capítulo 18 – Um rei em Verrières	116
Capítulo 19 – Pensar faz sofrer.....	130
Capítulo 20 – As cartas anônimas.....	139
Capítulo 21 – Diálogo com um mestre	144
Capítulo 22 – Maneiras de agir em 1830.....	158
Capítulo 23 – Aflições de um funcionário.....	171

STENDHAL

Capítulo 24 – Uma capital.....	185
Capítulo 25 – O seminário.....	193
Capítulo 26 – O mundo ou o que falta ao rico.....	201
Capítulo 27 – Primeira experiência de vida	212
Capítulo 28 – Uma procissão.....	216
Capítulo 29 – A primeira promoção.....	224
Capítulo 30 – Um ambicioso	240
LIVRO DOIS.....	259
Capítulo 1 – Os prazeres do campo	261
Capítulo 2 – Entrada na sociedade	272
Capítulo 3 – Primeiros passos	281
Capítulo 4 – A mansão de La Mole.....	285
Capítulo 5 – A sensibilidade e uma grande dama devota.....	298
Capítulo 6 – Maneira de pronunciar	302
Capítulo 7 – Um ataque de gota	309
Capítulo 8 – Qual condecoração é mais ilustre?	318
Capítulo 9 – O baile	329
Capítulo 10 – A rainha Margarida.....	339
Capítulo 11 – O império de uma jovem.....	348
Capítulo 12 – Seria um Danton?	353
Capítulo 13 – Uma conspiração	359
Capítulo 14 – Pensamentos de uma jovem	369
Capítulo 15 – Será uma conspiração?.....	375
Capítulo 16 – Uma hora da manhã.....	381
Capítulo 17 – Uma velha espada	388
Capítulo 18 – Momentos cruéis	394

O VERMELHO E O NEGRO

Capítulo 19 – A ópera-bufa	400
Capítulo 20 – O vaso japonês	410
Capítulo 21 – A nota secreta.....	417
Capítulo 22 – A discussão.....	423
Capítulo 23 – O clero, os bosques, a liberdade.....	432
Capítulo 24 – Estrasburgo.....	442
Capítulo 25 – O ministério da virtude	449
Capítulo 26 – O amor moral.....	457
Capítulo 27 – Os mais belos cargos da Igreja	461
Capítulo 28 – Manon Lescaut.....	465
Capítulo 29 – O tédio.....	470
Capítulo 30 – Um camarote na ópera-bufa	474
Capítulo 31 – Intimidá-la.....	479
Capítulo 32 – O tigre	485
Capítulo 33 – O inferno da fraqueza	491
Capítulo 34 – Um homem de espírito	497
Capítulo 35 – Uma tempestade	505
Capítulo 36 – Detalhes tristes.....	511
Capítulo 37 – Um torreão	519
Capítulo 38 – Um homem poderoso	524
Capítulo 39 – A intriga	531
Capítulo 40 – A tranquilidade	536
Capítulo 41 – O julgamento.....	541
Capítulo 42.....	549
Capítulo 43.....	555
Capítulo 44.....	561
Capítulo 45.....	569

LIVRO UM

A verdade, a amarga verdade.

DANTON



Capítulo 1

Uma pequena cidade

*Ponha milhares juntos. Menos mal,
Mas a gaiola [fica] menos alegre.*

HOBBS

A pequena cidade de Verrières pode passar por uma das mais bonitas do Franco-Condado¹. Suas casas brancas com telhados pontudos, vermelhos, estendem-se pela encosta de uma colina, cujos tufos de castanheiros vigorosos marcam as menores sinuosidades. O rio Doubs corre algumas centenas de passos abaixo das fortificações antigas erguidas pelos espanhóis e hoje em ruínas.

O lado norte de Verrières é protegido por uma alta montanha, uma das ramificações da cordilheira do Jura. Os cimos partidos do Verra se

¹ Uma das antigas regiões administrativas da França. (N.T.)

cobrem de neve desde os primeiros frios de outubro. Uma forte corrente de água, que desce da montanha e atravessa Verrières antes de se lançar no Doubs, movimenta um grande número de serras de cortar madeira. É uma indústria bem simples, que proporciona um certo bem-estar à maioria dos habitantes, mais camponeses que burgueses. No entanto, não foram as serras que enriqueceram essa pequena cidade. É à fábrica de tecidos estampados, ditos de Mulhouse, que se deve a prosperidade geral que, desde a queda de Napoleão, permitiu a reconstrução da fachada de quase todas as casas de Verrières.

Mal entramos na cidade, ficamos aturdidos com o estrondo de uma máquina barulhenta e de aparência terrível. Vinte martelos pesados, que caem com um ruído que faz tremer o chão, são erguidos por uma roda movimentada pela corrente de água. Cada um dos martelos fabrica, por dia, não sei quantos milhares de pregos. São mulheres jovens, viçosas e bonitas que apresentam aos golpes dos enormes martelos os pedacinhos de ferro que são rapidamente transformados em pregos. Este trabalho, de aparência tão rude, é um dos que mais surpreendem o viajante que adentra pela primeira vez as montanhas que separam a França da Suíça. Se, ao entrar em Verrières, o forasteiro pergunta a quem pertence essa bela fábrica de pregos que ensurdece as pessoas que sobem a rua principal, respondem a ele com um sotaque arrastado: “Ah! É do senhor prefeito”.

Mesmo que o viajante permaneça só alguns instantes na rua principal de Verrières, que vai da margem do Doubs até quase o topo da colina, pode apostar cem contra um que verá aparecer um homem alto, de ar atarefado e importante.

Quando ele surge, todos os chapéus se erguem rapidamente. Seus cabelos são grisalhos, e ele se veste de cinza. É cavaleiro de várias ordens, tem testa larga, nariz aquilino e, no todo, não lhe falta ao semblante certa regularidade: até parece, à primeira vista, que ela acrescenta à dignidade do prefeito aquele tipo de atratividade que ainda se pode ter aos quarenta e oito ou cinquenta anos. Mas logo o viajante parisiense se choca com

um certo ar de contentamento e autossuficiência misturado a um não sei quê de limitado e pouco inventivo. Percebe-se que o talento do homem se limita a cobrar no prazo exato o que lhe devem e a pagar o mais tarde possível quando é ele que deve a alguém.

Esse é o prefeito de Verrières, o sr. de Rênal. Depois de atravessar a rua com passos graves, ele entra na prefeitura e some da vista do viajante. Cem passos adiante, se continuar o passeio, o forasteiro verá uma casa de aparência muito bonita e, atrás de uma grade de ferro adjacente a ela, jardins magníficos. Mais além está a linha do horizonte formada pelas colinas da Borgonha, que parece feita expressamente para agradar ao olhar. Essa vista faz o viajante esquecer a atmosfera empestuada de pequenos interesses financeiros que começa a asfixiá-lo.

Informam ao forasteiro que essa casa é do sr. de Rênal. É aos lucros gerados por sua grande fábrica de pregos que o prefeito de Verrières deve a linda residência de pedra talhada que está terminando de ser construída. Sua família, dizem, é espanhola, antiga e, segundo parece, estabeleceu-se na região bem antes da conquista de Luís XIV.

Desde 1815 ele se envergonha de ser industrial: 1815 o tornou prefeito de Verrières. Os muros em terraço que sustentam as várias partes do esplêndido jardim, que, de patamar em patamar, desce até o Doubs, também são recompensa da competência do sr. de Rênal no comércio de ferro.

Não espere encontrar na França jardins pitorescos como os que cercam as cidades industriais da Alemanha, Leipzig, Frankfurt, Nuremberg, etc. No Franco-Condado, quanto mais se constroem muros, quanto mais se enfileiram pedras umas sobre as outras em uma propriedade, mais se adquire o direito de merecer o respeito dos vizinhos.

Os jardins do sr. de Rênal, cheios de muros, são ainda mais admirados porque ele comprou, a peso de ouro, alguns pequenos trechos do terreno que ocupam. Por exemplo, a serraria, cuja singular localização no rio Doubs impressionou você ao entrar em Verrières, e na qual você notou o nome Sorel escrito em letras gigantes sobre uma tábua que domina o telhado,

ocupava seis anos atrás o espaço onde agora se ergue o muro do quarto terraço dos jardins do sr. de Rênal.

Apesar da sua soberba, o sr. prefeito precisou de muito empenho para com o velho Sorel, camponês duro e teimoso. Teve de pagar-lhe muitos luíses² de ouro para conseguir que ele mudasse a serraria de lugar. Quanto ao riacho público que fazia as serras funcionar, o sr. de Rênal, graças ao crédito que tem em Paris, conseguiu que seu curso fosse alterado. Esse favor foi feito a ele após a eleição de 182*.

O sr. prefeito deu a Sorel quatro acres³ de terra em troca de um, quinhentos passos mais abaixo das margens do Doubs. E, embora essa localização fosse bem melhor para o seu comércio de tábuas de pinho, o sr. Sorel, como o chamam desde que enriqueceu, desvendou o segredo para fazer com que a impaciência e a mania de proprietário que animavam seu vizinho lhe rendessem seis mil francos⁴.

É verdade que esse arranjo foi criticado pelas pessoas sensatas da cidade. Certa vez, um domingo, fazia quatro anos, o sr. de Rênal, voltando da igreja em traje de prefeito, viu de longe o velho Sorel, cercado pelos três filhos, olhar para ele e sorrir. O sorriso foi fatal para a alma do sr. prefeito, que a partir de então começou a pensar que poderia ter feito um negócio melhor, pagando menos.

Para merecer consideração pública em Verrières, o essencial é não utilizar, apesar da construção de muitos muros, projetos trazidos da Itália por esses pedreiros que, na primavera, atravessam as gargantas do Jura a caminho de Paris. Uma tal inovação valerá ao imprudente construtor a eterna reputação de não bater bem da cabeça, e ele terá caído para sempre no conceito das pessoas sábias e moderadas que distribuem consideração no Franco-Condado.

² Luís é uma moeda de ouro que começou a circular em 1640, durante o reinado de Luís XIII. Seu nome deriva do fato de ter em uma face o rosto do rei. Na outra face está o brasão real. (N.T.)

³ Acre é uma unidade de medida agrária que varia segundo a região em que é usada. Na França, 4 acres equivalem a 13.676 m². (N.T.)

⁴ Moeda oficial francesa de 1795 a 2002, quando foi substituída pelo euro. (N.T.)

O VERMELHO E O NEGRO

De fato, essas pessoas sábias exercem na localidade o mais entediante despotismo; é por causa dessa palavra feia que a estada em cidades pequenas é insuportável para quem viveu na grande república chamada Paris. A tirania da opinião, e que opinião!, é tão idiota nas cidadezinhas da França quanto nos Estados Unidos da América.